

CONFIGURAÇÕES IDEOLÓGICAS NA CAMPANHA ELEITORAL DE PABLO MARÇAL: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

IDEOLOGICAL CONFIGURATIONS IN PABLO MARÇAL'S ELECTORAL CAMPAIGN: A LINGUISTIC-DISCURSIVE ANALYSIS

Ricardo Ferreira de Sousa¹

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Débora Cristiana Alves Soares de Albuquerque²

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Selma Maria Abdalla Dias Barbosa³

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Resumo: Este texto, de cunho teórico e analítico, tem como objetivo analisar os posicionamentos ideológicos presentes no discurso do candidato à prefeitura de São Paulo, Pablo Marçal, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), durante a campanha eleitoral de 2024. Para fundamentar nosso estudo, recorreremos aos trabalhos de Moita-Lopes (2006), Bakhtin e Volochinov (2006) e Pennycook (2006), no âmbito da Linguística Aplicada, bem como de Pêcheux (1995), Orlandi (2007) e Althusser (1974), no campo da Análise do Discurso. Foram selecionados, como *corpus* desta análise, trechos de falas do candidato durante o debate da campanha eleitoral, veiculados por jornais da mídia nacional, como o Portal de Notícias Terra. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter interpretativista e exploratória. Os resultados indicam um discurso ideológico extremista e polarizado, que busca gerar sensacionalismo e reforçar estruturas de poder na sociedade.

Palavras-chave: Ideologia; Pablo Marçal; Política; Linguística Aplicada; Análise do Discurso.

Abstract: This theoretical and analytical text aims to analyze the ideological positions present in the speech of the candidate for mayor of São Paulo, Pablo Marçal, of the Brazilian Labor Renewal Party (PRTB), during the 2024 electoral campaign. To support our study, we used the works of Moita-Lopes (2006), Bakhtin and Volochinov (2006) and Pennycook (2006), in the field of Applied Linguistics, as well as Pêcheux (1995), Orlandi (2007) and Althusser (1974), in the field of Discourse Analysis. Excerpts from the candidate's speeches during the electoral campaign

¹ Doutorando em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professor Substituto no Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5398691591027544>. Email: ricardof@uft.edu.br

² Doutoranda em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professora Efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Dianópolis (SEMED). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6749298639470231> E-mail: deboracristiana1@gmail.com

³ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP). Professora Associada da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT/UFNT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3885079112744847> E-mail: selma.barbosa@ufnt.edu.br

debate, published by national newspapers, such as Portal de Notícias Terra and, were selected as the corpus for this analysis. The methodology adopted is qualitative, interpretative and exploratory. The results indicate an extremist and polarized ideological discourse, which seeks to generate sensationalism and reinforce power structures in society.

Keywords: Ideology; Pablo Marçal; Policy; Applied Linguistics; Discourse Analysis.

Submetido em 13/07/2025

Aprovado em 17/12/2025

Introdução

Tomando como referência o pensamento de Aristóteles (2002 [1252]), o discurso é, necessariamente, concebido antes de toda atividade humana, constituído por meio da argumentação e que traz carregado em sua essência não só o propósito de convencimento, mas também de persuasão de uma determinada ideia ou conceito pré-concebido por alguém ou por um grupo de indivíduos. Cabe lembrar que este processo é sem dúvida necessário ao uso da argumentação e da linguagem. Além disso, essa argumentação compõe-se de um enunciado concebível de ser entrelaçado com outros enunciados e discursos.

Partindo desse pressuposto, o objetivo deste estudo é analisar os posicionamentos ideológicos no discurso do candidato à prefeitura de São Paulo, Pablo Marçal, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), durante as campanhas televisivas e manifestações midiáticas no ano eleitoral de 2024. A análise será realizada sob a ótica da Linguística Aplicada (LA), com enfoque na Análise do Discurso (AD), levando em consideração o uso da linguagem e os discursos proferidos. Desse modo, a partir de um estudo qualitativo-interpretativista sob foco exploratório, tomamos como *corpus* trechos de falas do candidato durante debates da campanha eleitoral, os quais foram veiculados em sites de notícias e jornais de repercussão nacional, como o Portal de Notícias Terra, no YouTube, de onde foram extraídos os excertos que compuseram a análise.

A estrutura discursiva de uma campanha é carregada de estratégias de convencimento, que maximizam as posições e camadas sociais. Sendo assim, cada candidato faz uso de discursos que possam influenciar os outros e mostrar superioridade. Nesse entranhamento, as relações ideológicas se firmam na produção dos sentidos e por intermédio das posições tomadas em curso pelos sujeitos, de modo que as enunciações

são retomadas no espaço-tempo do sujeito socio-histórico e ideológico, seja ele locutor ou interlocutor.

Assim sendo, o presente texto foi ordenado em seções. A partir desta introdução, o tópico seguinte discute sobre o papel da Linguística Aplicada enquanto ciência contemporânea e interdisciplinar. Em seguida, as duas seções seguintes apresentam uma discussão a respeito da noção de palavra, compreendida como do signo ideológico, e ideologia, vista a partir das configurações da Linguística Aplicada e da Análise do Discurso. Logo após, detalham-se os procedimentos metodológicos e as análises realizadas conforme objeto de investigação. Por fim, fazem-se as considerações finais e as referências.

1. Um pouco [breves e relevantes] de linguística aplicada

Pensar em pesquisas na área da Linguística Aplicada exige uma observação da história que constitui os assuntos. Isso implica compreender o cenário social, político e histórico que permeia a vida em sociedade (Moita-Lopes, 2006). Nesse contexto, é fundamental a reflexão sobre uma Linguística Aplicada Ideológica, na qual o entrelaçamento entre os saberes e o ato político assume um papel central. Assim, esse campo de estudo precisa desenvolver métodos que considerem tanto os aspectos individuais quanto os coletivos como elementos essenciais nas questões relacionadas à linguagem (Pennycook, 2001; Moita-Lopes, 2002 *apud* Moita-Lopes, 2006).

Grandes transformações têm marcado a contemporaneidade, instigando os estudiosos a revisitar teorias e práticas na área da Linguística Aplicada (Moita-Lopes, 2006). As teorias pós-modernas rejeitam a concepção de uma Linguística Aplicada Independente, caracterizada pela era moderna. Nesse período, predominava-se o chamado “vácuo social”, em que as pesquisas se dissociavam dos assuntos de suas experiências passadas. Além disso, havia uma crença em verdades universais, desconsiderando-se a influência do poder hegemônico na configuração da sociedade (Moita-Lopes, 2006).

Segundo Zanotto e Celani (1992), mesmo nos dias atuais, persiste uma resistência em relação à conceituação da Linguística Aplicada. Historicamente, essa área tem sido constituída por um percurso marcado por diversos conflitos. Em 1946, a LA constava na grade da Universidade de Michigan. Somente em 1964 surge a *Association of Applied Linguistics (AILA)* e dois anos mais tarde a *British Association of Applied Linguistics*

(BALL). A *American Association of Applied Linguistics* só surgiu em 1977, 10 anos depois da BALL, isso ocorreu depois do encontro em Miami denominado *Teachers of English to Speakers of other Languages (TESOL)*.

Em 1973, já se observavam compromissos da formação no campo da Linguística Aplicada por meio de discussões promovidas na conferência da *Teachers of English to Speakers of other Languages (TESOL)* e da *Linguistic Society of America (LSA)*. No entanto, mesmo após debates e estudos sobre o tema, ainda havia insegurança em relação à consolidação dessa área de pesquisa. Um exemplo dessa resistência foi a proposta de que a LSA incorporasse uma repartição específica de Linguística Aplicada para verificar parâmetros de qualidade.

Essa trajetória não foi linear, e o mesmo ocorreu no Brasil na segunda metade do século XX. Um marco importante da grande evolução da Linguística Aplicada foi a criação da *Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB)*, em junho de 1990, cerca de 20 anos após o início do primeiro programa de estudos de pós-graduação em Linguística Aplicada, o *Programa de Linguística Aplicada de Línguas*, criado em 1970, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Esse evento representou um ponto significativo para uma área no país. Na contemporaneidade, linguistas aplicados brasileiros são reconhecidos por seus pares no âmbito internacional, e há uma demanda crescente por esse campo nos programas de pós-graduação (Zanotto; Celani, 1992).

Em tempos remotos, a Linguística Aplicada era entendida como ensino de línguas ou não produtora de teorias, apenas como objeto de consumo. A noção de ensino de línguas em seus primórdios recebeu muito incentivo. Tal situação afetou o desenvolvimento da Linguística Aplicada, haja vista que foi praticamente sobreposto à própria ciência enquanto campo de conhecimento. Logo, quando se falava em Linguística Aplicada, pensava-se em ensino/aprendizagem de línguas. Com isso, a Linguística Aplicada como campo de atuação teórica e autônoma era deixada de lado. Além disso, também era vista como uma mediadora de outras áreas do conhecimento. Acreditava-se que esse campo era, apenas, responsável pela aplicação da Linguística, o que mais uma vez a desqualifica como teoria (Zanotto; Celani, 1992).

Apesar da persistente tentativa de separação Linguística e Linguística Aplicada, estudos têm mostrado que a distância entre essas duas áreas vem atrapalhando. No passado, a Linguística Aplicada era vista apenas como uma aplicação prática da

Linguística Teórica. Ocorre que essa informação, inclusive mencionada no verbete do *Concise Oxford Companion to the English Language*, é refutada pelo verbete *Language Learning*, no qual afirma que a Linguística Aplicada se deriva da língua em uso, da língua em seu plano real (Pereira; Roca, 2020). Com isso, surgiram novas maneiras de realizar pesquisa.

Embora essa visão tradicional tenha sofrido alterações ao longo do tempo, a associação entre Linguística Aplicada e o ensino de línguas ainda persiste. No entanto, muitos estudiosos têm trabalhado para desconstruir essa perspectiva reducionista, buscando implementar novas abordagens e alternativas que promovam o desenvolvimento da área como um campo teórico e prático (Moita-Lopes, 2006).

Nesse sentido, segundo Pereira e Roca (2020, p. 25), “o objeto de investigação da Linguística Aplicada é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem da língua materna ou de outra língua, seja em qualquer outro contexto [...]”. Para além de uma área interdisciplinar, faz-se necessário pensar em uma Linguística Aplicada Crítica (LAC), que inclua novos temas que passam a ser de importância para a área, tais como, ética, sexualidade, desigualdade e alteridade (Moita-Lopes, 2006).

Assim, essa visão forma uma Linguística Aplicada investigadora, problematizadora, que rompe normas e paradigmas a fim de ultrapassar seus limites e, assim, adquirir meios para discutir os entraves políticos. A intenção não é provocar desordem ou situações conflituosas de maneira aleatória e irresponsável; pelo contrário, o objeto da transgressão fica sempre subentendido, uma vez que é possível identificá-lo mesmo que esteja pressuposto. Desse modo, há o predomínio da dinamicidade (Moita-Lopes, 2006). O propósito é a criação de novas áreas de forma a não as deixar como eram antes, pois agora elas foram reestruturadas e ressignificadas.

Além disso, consoante Pennycook (2006), a perspectiva transgressiva não faz jus à separação do pensamento moderno/pós-moderno, ao contrário, foca em realizar transformações em meio à mobilidade. A Linguística Aplicada transgressiva (Pennycook, 2006), através de subsídios epistemológicos e políticos, se propõe, como o próprio nome sugere, a transgredir maneiras de pensar consideradas como sendo as mais comuns ou únicas, de forma que ultrapassem a mentalidade tradicionalista e que se comece a imaginar diferente, sempre apresentando o motivo de tal transformação e o objeto. Não falamos aqui de uma mudança aleatória e sem preceitos, mas, sim, de intervenções

modificadoras que ocorrem em um mundo que está em constante movimento, pois trata-se de novas atitudes e novas formas de agir.

Nesse contexto, a grande questão da Linguística Aplicada na contemporaneidade é reelaborar modos de fazer ciência, posto que houve a necessidade de mudança na vida social. Urge, ao mesmo tempo, o dever de fazer pesquisa e retribuir benefícios, buscando caminhos para a inserção de grupos excluídos, a exemplo os negros, os pobres, os indígenas, com o intuito de conceder voz a essas pessoas (Moita-Lopes, 2006).

Moita-Lopes (2006) ainda delinea algumas direções para a Linguística Aplicada, ou seja, a imprescindibilidade de uma Linguística Aplicada híbrida ou mestiça; a Linguística Aplicada como área que explode a relação entre teoria e prática; a necessidade de um outro sujeito para a Linguística Aplicada: as vozes do Sul; a Linguística Aplicada como área em que a ética e o poder são os novos pilares. Isso posto, o autor supracitado aborda a preocupação sobre a responsabilidade social que a pesquisa deve engendrar e, dessa maneira, deve ser compreendida como uma área de estudos que abrange os grupos marginalizados e que, além disso, envolve vários campos do saber. É necessário vê-la como uma *indisciplina*, que contemple uma heterogeneidade de áreas, promovendo, assim, a interdisciplinaridade. Observa-se que o intuito é unir essas disciplinas para a formação de saberes.

Nesse sentido, Moita-Lopes (2006) afirma que é necessário um conhecimento teórico que leve em consideração as experiências dos sujeitos e, dessa forma, se extinga a concepção de que a Linguística Aplicada se ocupa unicamente de questões práticas, deixando a teoria apenas para a Linguística. É necessário eliminar a distância entre teoria e prática. Ademais, o referido pesquisador desperta o sujeito da Linguística Aplicada, pois antes a ciência se ocupava de estudos voltados para sujeitos com estereótipos padrão, ou seja, brancos, heterossexuais, que não observavam as relações de poder existentes. Outrossim, considerava-se a existência de verdades únicas e objetivas.

Nesse sentido, ainda conforme o autor, faz-se necessário visualizar o sujeito da Linguística Aplicada em uma perspectiva socio-histórica e, por isso, entendê-lo como passível de mudança acelerada, um sujeito que, ao mesmo tempo em que constitui, também reconstitui sua própria identidade.

Essa breve discussão da Linguística Aplicada está relacionada ao que pretendemos desenvolver nas próximas seções, que é analisar, a partir do campo teórico e aplicado, os

dizeres do sujeito político em contexto socio-histórico e ideológico, de modo que representemos questões sociais plurivalentes que abrangem fronteiras ligadas a diferentes campos do saber. Assim sendo, a discussão seguinte gira em torno da noção da palavra enquanto signo ideológico, tida como instrumento de maior poder, geralmente usada em um discurso para interpelar o sujeito em seu dizer.

2. Palavra e ideologia: permeando meandros

A discussão deste trabalho nos leva a refletir acerca das definições de palavra e ideologia situadas no campo da linguagem, cuja representação se dá em contexto das condições de produção social e de interação verbal entre enunciador e auditório, locutor e interlocutor. O filósofo russo Mikhail Bakhtin e seu Círculo, concebem a linguagem como um pensamento concreto centrado nas relações dialógicas entre interlocutores a partir de uma perspectiva socio-histórica e ideológica marcada pela produção linguística ou enunciativo-discursiva (oral ou escrita) (Bakhtin/Volochínov, 2006; Volochínov, 2013).

A partir disso, compreende-se que a palavra é posta no liame das situações da enunciação. Mas, afinal, o que é a palavra e o que ela representa nos dizeres? Na perspectiva de Valentin Volochínov (2013, p. 191-193), a palavra é um signo ideológico e, por sua própria natureza, é uma “unidade verbal simples à qual damos um significado semântico muito preciso, [...] é desde o início um fenômeno puramente ideológico”. O signo ideológico tem forma de um signo verbal social, pois quanto maior for a capacidade de linguagem e interações do homem, maior será o seu desenvolvimento, superando as condições de ser natural em direção às condições de ser social (Freitas, 1999).

Não se trata da palavra pela palavra, mas da união de elementos sociais, históricos, ideológicos e contextuais que se encontram em constante movimento. Nesse sentido, “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo, sem signos não existe ideologia” (Bakhtin/Volochínov, 2006, p. 31).

Para Volochínov (2013, p. 195),

A palavra é um som significante (material da estrutura enunciativa), pronunciado ou pensado por uma pessoa real num momento preciso da história real e que, por conseguinte, tem o aspecto de uma enunciação completa ou de

uma de suas partes constituintes, de um de seus elementos. Fora da enunciação, a palavra só existe no dicionário, mas nesse é uma palavra morta [...].

Ou seja, nesse ínterim, a palavra torna-se palavra no evento comunicativo, numa dada enunciação real, dita e pensada a partir de um ponto de vista (dependente da ideologia), viva, concreta, compreendida e avaliada pelo auditório, embebidas de opiniões e acontecimentos da realidade objetiva, marcadas por constatações e refutações que presumem a interação responsiva-ativa dos enunciadores.

Ohuschi (2013, p. 30) complementa ao afirmar que a ideologia trata-se de “[...] uma projeção social, por meio da qual os signos ideológicos refletem e refratam a realidade”. Desse modo, “Esta refração da realidade é determinada pelo entrecruzamento de interesses sociais orientados de maneiras diferentes no âmbito de uma comunidade semântica” (Volochínov, 2013, p. 199). Em outros termos, a palavra, como qualquer signo ideológico, não somente reflete a realidade social, mas interpreta, avalia, na interação verbal, “as condições de produção socio-historicamente presentes no discurso” (Freitas, 1999, p. 13).

Desse modo, o enunciado reflete a uma situação típica do discurso individual decorrente das condições de produção de uma situação concreta do falante. As palavras ligam entre si, que ligam ao discurso do eu e do outro por diferentes sujeitos e diferentes contextos, gerando sentidos diversos permeados pela interação social. A palavra como um ato enunciativo constitui-se como um produto de interação nas cadeias comunicativas (emissão – mensagem – recepção). Tal propositura implica na (re)produção ou inovação dos dizeres. Bakhtin/Volochínov (2006) explica que a palavra do outro como enunciado é produto do discurso.

No dialogismo, a palavra é considerada o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana, isto é, ela está implicada nos espaços de interlocução, “[...] está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (Bakhtin/Volochínov, 2006, p. 36-38).

Segundo Freitas (1999, p. 10-13), a palavra “ultrapassa a materialidade física dos sistemas verbais”, ela é “[...] compreendida mais amplamente como signo linguístico e verbal, é constitutiva da consciência, da ideologia, do pensamento e, por conseguinte, dos sujeitos, por ela ser o resultado das interações socio-histórico-verbo-ideológicas”. A palavra “[...] é determinada pelo que procede de alguém [nasce do interior de alguém],

como pelo fato de que se dirige para alguém [...] é produto da interação do locutor e do ouvinte. [...] é território comum do locutor e do interlocutor” (Bakhtin/Volochínov, 2006, p. 115, destaque nosso).

Na seção seguinte, discutiremos como a noção de ideologia é compreendida entre as duas áreas: Linguística Aplicada e Análise do Discurso.

3. Configurações da ideologia nos estudos da linguagem: liames da Linguística Aplicada e da Análise do Discurso

Discutiremos aqui, de forma sucinta, a noção de ideologia situadas no campo da Linguística Aplicada e da Análise do Discurso. Para ambas as ciências, o que é ideologia e como o conceito está situado? Visando fundamentar a discussão tomemos os estudos de Moita-Lopes (2006), Bakhtin e Volochínov (2006) e Pennycook (2006), no contexto da Linguística Aplicada, e de Pêcheux (1995), Orlandi (2007) e Althusser (1974), no contexto da Análise do Discurso.

Na perspectiva da Linguística Aplicada, a ideologia é compreendida como um constructo que transcende a dimensão meramente linguística, situando-se em um contexto socio-histórico e político. A linguagem, como prática social, é o principal meio pelo qual as ideologias são expressas, refletidas e refratadas. Nesse sentido, a ideologia está intrinsecamente relacionada à interação humana e às condições de produção de sentidos.

Segundo Moita-Lopes (2006), a Linguística Aplicada adota uma postura crítica ao considerar os aspectos ideológicos como centrais na análise de práticas linguísticas e sociais. A Linguística Aplicada busca compreender como a linguagem opera como veículo de poder e como ela pode ser usada para resistir às estruturas hegemônicas e promover a inclusão social.

Para autores como Bakhtin e Volochínov (2006), a ideologia está presente em todos os signos, especialmente na palavra, que é concebida como um signo ideológico. Essa visão implica que a linguagem nunca é neutra, pois sempre reflete e refrata a realidade social, sendo moldada pelas condições históricas e sociais de sua produção. Essa perspectiva é fundamental para a Linguística Aplicada, que considera a linguagem como um meio de ação social e de transformação.

Já Pennycook (2006), como já vimos, enfatiza que a Linguística Aplicada deve ser transgressiva, desafiando paradigmas estabelecidos e incorporando novas formas de

pensamento. Assim sendo, a ideologia, dentro da Linguística Aplicada, é situada como uma força que molda e é moldada pela prática social, estando profundamente enraizada nas interações humanas e nas relações de poder. Portanto, a partir do exposto, a Linguística Aplicada não apenas investiga a linguagem como um fenômeno técnico, mas também como um campo que interroga e desestabiliza estruturas sociais, contribuindo para a compreensão crítica das ideologias que permeiam o discurso e a sociedade.

Nessa perspectiva, para a Análise do Discurso (AD), a ideologia é entendida como um conjunto de representações que permeiam as práticas discursivas, moldando a produção e a interpretação dos sentidos no contexto socio-histórico. A ideologia, nesse campo, não é um fenômeno isolado ou puramente abstrato; ao contrário, ela se manifesta por meio das estruturas discursivas que constituem as relações na sociedade.

A Análise do Discurso, ancorada inicialmente nos estudos de Michel Pêcheux, considera a ideologia como o elemento que sustenta a relação entre o sujeito, o discurso e as formações sociais. Nesse sentido, a ideologia não é algo que o sujeito domina plenamente, mas, sim, uma força que o interpela e estrutura sua posição no discurso. Pêcheux (1995) argumenta que a ideologia atua por meio de processos de interpelação, isto é, o sujeito é “chamado” a ocupar determinadas posições no campo discursivo, as quais são determinadas pelas formações ideológicas vigentes.

A materialidade discursiva, ou seja, os textos, as falas e os enunciados que circulam em uma sociedade, é o espaço privilegiado onde a ideologia se inscreve e opera. Por meio dela, as condições históricas e sociais são articuladas, produzindo sentidos que muitas vezes mascaram as relações de poder subjacentes. Como aponta Orlandi (2007), a ideologia não é percebida como algo externo ao discurso; ela está intrinsecamente vinculada às práticas discursivas, sendo, portanto, constitutiva da linguagem.

Assim sendo, a Análise do Discurso adota uma abordagem crítica ao examinar os mecanismos pelos quais a ideologia naturaliza certas visões de mundo, tornando-as aparentes como “verdades” universais. Essa naturalização é o que Althusser (1974) descreve como o funcionamento ideológico, que invisibiliza seu próprio caráter histórico e contingente. Dessa forma, a Análise do Discurso se propõe a desvelar os processos de construção ideológica, mostrando como os sentidos são socialmente produzidos, contestados e transformados.

Nesse contexto, a ideologia é situada como um campo de disputa, onde diferentes formações discursivas competem por hegemonia. A Análise do Discurso não apenas descreve os discursos, mas busca entender como eles refletem e refratam as condições materiais e ideológicas de sua produção. Como destaca Orlandi (2007), a tarefa da Análise do Discurso é desestabilizar os sentidos fixados, evidenciando sua historicidade e a multiplicidade de significados possíveis.

Ademais, para a Análise do Discurso, a ideologia é simultaneamente um efeito e um motor dos processos discursivos, moldando a linguagem e sendo moldada por ela. Esse liame entre ideologia e discurso permite à Análise do Discurso explorar as relações de poder e resistência presentes nas práticas sociais, oferecendo uma leitura crítica das formações ideológicas que estruturam o tecido social.

A seguir, destacamos o percurso metodológico da investigação.

4. Aspectos da investigação

A pesquisa é o caminho para a constatação de um objeto científico que busca explicar e provar fatos que determinam os vieses sociais. Trata-se, portanto, da produção de conhecimento para compreender a realidade e orientar ações no contexto social. Ao fazer pesquisa é necessário adotar uma metodologia para prosseguir na busca de elementos que possam confirmar uma hipótese, uma tese ou até mesmo refutar posicionamentos comuns e genéricos. Isso se faz evidente em um contexto teórico-prático com métodos que norteiam os procedimentos de curadoria e análise do objeto de investigação.

Nesse cenário, a proposta desta pesquisa adota uma abordagem qualitativa-interpretativista, uma vez que é possível depreender conhecimentos da materialidade discursiva e das condições de produção discursiva. A escolha por uma abordagem qualitativa no estudo é motivada pela natureza complexa e contextual do tema, que busca interpretar os achados e discutir as suas implicações para a pesquisa.

É também um estudo exploratório por considerar textos teóricos e material de análise em sites de notícias e jornais de repercussão nacional, com a mensuração de dados relevantes para a proposta - definição, delimitação do objeto e problemática. Nesse viés, consideramos como *corpus* de análise trechos de falas do candidato à prefeitura da capital São Paulo (SP), Pablo Marçal, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB),

durante o debate da campanha eleitoral de 2024, os quais foram veiculados em sites e páginas de noticiários, como o Portal de Notícias Terra, no YouTube.

Sequencialmente, atuamos na análise dos textos que constituem os enredamentos discursivos do candidato. Uma vez constituído o método e o recorte da pesquisa, inicialmente, realizamos uma busca de participações do candidato em sites de notícias cujo teor do material pesquisado tenha tido grande repercussão nacional. Voltamos nossa atenção à identificação e registros do discurso do candidato a partir das estratégias de apelação ao público eleitoreiro. Após o mapeamento estratégico, passamos à curadoria e análise ordenada do objeto. Assim, na análise final, efetuamos o uso de conceitos e estratégias ideológicas para se firmar na postura polêmica e midiática do candidato, em que o seu nome lhe renderia grandes repercussões na campanha. Na sequência, trataremos dos resultados obtidos na análise.

5. Configurações ideológicas nos discursos de campanha eleitoral de Pablo Marçal

A atividade em questão visa explorar algumas configurações ideológicas dos discursos polarizantes e extremistas do candidato à prefeitura da capital paulista, Pablo Marçal. Nesse contexto, quando fazemos a interpretação de um dizer, trazemos, ainda que involuntariamente, nossas visões socioideológicas. Se interpretarmos a “literalidade” do que é dito, podemos chegar a um entendimento básico da mensagem; no entanto, se investigarmos a palavra isoladamente, podemos criar uma percepção diferente sobre seu real significado. A nossa intenção aqui é analisar o teor da mensagem transmitida pela figura pública e os efeitos que dela gera nos entremeios da sociedade.

Pablo Marçal é um investidor e influenciador digital cuja carreira se consolidou na intersecção entre o empreendedorismo e a comunicação estratégica. Com um discurso provocativo, ele ganhou destaque nacionalmente por meio das redes sociais, onde, em parte, compartilha conteúdos motivacionais e técnicas de desenvolvimento pessoal.

Em 2024, sua candidatura foi marcada por estratégias discursivas que apelavam para discursos ideológicos, o que o posicionava como um candidato com forte presença midiática. Embora tenha sido derrotado nas urnas, sua campanha se destacou pela mobilização digital e pelo discurso inflamado, que buscava reforçar polarizações políticas e ideológicas.

Vejamos como se perpetua a imagem ideológica na campanha eleitoral de Pablo Marçal a partir do recorte de momentos de sua campanha eleitoral.

6. Estratégias de apelação: o discurso polarizado de Pablo Marçal em debates políticos

Pablo Marçal, um homem jovem, rico, inteligente, competente, empreendedor bem-sucedido e com ampla visão de administração pública, foi o candidato derrotado à prefeitura de São Paulo. Sua candidatura gerou grande atenção e controvérsia, especialmente devido ao contexto da eleição para a maior cidade do país, São Paulo, que estava marcada por uma campanha inflamada e repleta de imprevisibilidade. A candidatura de Marçal chamou a atenção de estrategistas e adversários, que se viram confundidos pelas movimentações e pela natureza pouco convencional de sua campanha.

Nas eleições de 2024, é possível identificar dois tipos de discurso predominantes: o tradicional e o antissistema. Em primeiro lugar, há os candidatos que se alinham ao discurso tradicional, como Ricardo Nunes, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), e Guilherme Boulos, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Esses discursos seguem uma linha mais conservadora e se aproximam, em certo sentido, do discurso de Jair Messias Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, do Partido Liberal (PL).

No entanto, algo nos indaga: o Pablo Marçal de 2024 seria o Jair Bolsonaro de 2018? Embora Marçal tenha recebido em sua campanha o apoio do ex-presidente, por se identificar como um político conservador e da extrema direita, ele se apresenta em contextos e posicionamentos ideológicos distintos. Bolsonaro teve uma carreira política de 28 anos antes de se candidatar à presidência da República Federativa do Brasil, em 2018, enquanto Marçal, por sua vez, adota uma abordagem mais voltada para a comunicação digital.

A principal estratégia de Marçal é fazer seu conteúdo ser consumido na internet, utilizando um discurso que “abraça” eleitores e apoiadores com um viés de confirmação, ou seja, reforçando crenças e pontos de vista de seu público. Isso o coloca em oposição ao modelo tradicional de comunicação política. Marçal se comunica de forma eficaz com um eleitorado digitalizado, tecnológico, midiático e globalizado, utilizando as ferramentas da internet para fortalecer seu discurso e engajar seu público.

Por outro lado, devido à sua forte presença nas redes sociais, Pablo Marçal se distanciou da “velha raposa” da política tradicional e passou a utilizar um discurso mais estratégico e elaborado. O candidato optou por uma comunicação treinada, neurolinguística e antipolítica, com ênfase em um discurso antissistêmico. Esse novo estilo de discurso se caracteriza pela utilização de uma linguagem técnica, polarizada, não neutra e voltada para a desconstrução do sistema político tradicional.

Nesse sentido, o foco do candidato nos debates não estava em defender os interesses públicos, como educação, saúde, segurança e mobilidade urbana. Em vez disso, sua estratégia era atacar os adversários e demonstrar ao público que ele era a melhor escolha para a cidade de São Paulo. Em debates populares o candidato demonstra superioridade e apresentava propostas genéricas, quase sempre evadindo das perguntas de seus adversários. Em seu discurso, Marçal argumentava que os outros concorrentes não possuíam a competência necessária para exercer a função executiva, desqualificando-os de forma pública e em rede nacional.

A seguir, analisamos dois momentos de discursos do candidato que geraram repercussão nacional.

7. “Exorcizar o demônio com uma carteira de trabalho” e “Aspirador de pó”

Pablo Marçal adotou uma postura agressiva e enganosa ao atacar diretamente seus adversários. Durante o debate promovido pelo Noticiário Terra, em parceria com o Estadão e a Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), no dia 14 de agosto de 2024, o candidato, em ataque a Guilherme Boulos, chegou a dizer que iria “exorcizar o demônio [Guilherme Boulos] com uma carteira de trabalho”, além de chamá-lo de “aspirador de pó”.

O posicionamento ideológico de Pablo Marçal pode ser analisado a partir da linguagem agressiva e das construções simbólicas que ele utiliza para se referir aos seus adversários. Suas declarações carregam conotações de desqualificação e marginalização, refletindo um discurso que se posiciona contra determinadas figuras políticas associadas à esquerda e à segurança pública, além de denotar uma tentativa de enfraquecer a legitimidade de seus oponentes. O discurso ideológico do candidato remete a significados situados fora de si, revelando que a palavra situa-se nos extremos discursivos (Bakhtin/Volochínov, 2006; Volochínov, 2013).

Durante o debate, o tom discursivo era intenso. Em sua fala, Boulos relembra uma declaração feita em momento anterior por seu oponente, confrontando-o sobre a coerência entre suas palavras e ações. Em meio à crítica, o candidato redireciona o foco para uma questão de política pública, buscando retomar o conteúdo propositivo do debate: questiona o adversário sobre sua opinião a respeito de iniciativas como os projetos Céus e da Mata, que promovem oportunidades para a juventude periférica.

EXCERTO 1

Guilherme Boulos: Você nem devia estar aqui, né? Porque no último debate você disse que deixaria sua candidatura se mostrasse sua condenação como ladrão de banco. Eu mostrei, tá na rede social, mas você mostrou mais uma vez que não tem palavra. Agora, sobre oportunidade e desenvolvimento econômico, eu queria te perguntar: o que você acha do Céus, da Mata, que deram oportunidades para os jovens da periferia. Primeiro se conhece e o que você acha?

Pablo Marçal: Primeiro lugar, mais uma vez você está me confundido com o quadrilheiro chamado Luís Inácio Lula da Silva, com as pessoas que você tanto apoia chamado José Genuíno... José... sei lá como é que chama... José Dirceu, Dilma Rousseff... você que é do PT kids dessa Prefeitura de São Paulo e só quer uma demonstração... no país inteiro de um PT do pessoal que é a escória da esquerda. A esquerda já não presta, você imagina a escória... da esquerda. Não tem condenação, isso aí foi prescrito, eu trabalhei com o cara consertando computadores, se você quiser saber os detalhes eu já gravei isso há anos no Youtube você pode assistir Pablo Marçal. Agora a grande verdade é porque você não pediu sua busca no Fantástico já que você já foi preso três vezes. Conta aí para a sociedade paulistana.

[...]

Guilherme Boulos: Mas você é um mentiroso compulsivo. É viciado em mentir, é impressionante. Eu acho que você veio para o debate... as pessoas percebem com a sua plateinha e tal... para tumultuar. Você é o Padre Kelmon dessa eleição. É isso que você é, você veio para tumultuar, você é uma caricatura.

[...]

Pablo Marçal: Eu sou o Padre Kelmon e eu vou *exorcizar o demônio com a Carteira de Trabalho*, que nunca trabalhou grande vagabundo nessa nação. Aceito sim, exorcizar... você nunca vai ser Prefeito de São Paulo enquanto tiver homem aqui nessa cidade.

Guilherme Boulos: Essa é a pergunta dele? [...].

Quando Marçal diz que irá “exorcizar o demônio com uma carteira de trabalho”, este utiliza um recurso simbólico que associa Boulos, figura de destaque na esquerda e defensor de pautas progressistas, a uma figura negativa que precisa ser “purificada” ou “afastada” de maneira extrema. A carteira de trabalho, objeto associado à classe trabalhadora e aos valores da economia formal, é aqui utilizada de maneira irônica para reforçar um contraste entre o que Marçal representa e o que Boulos defende. A ideia de “exorcismo” invoca uma conotação religiosa e moralista, posicionando Marçal como

alguém que se coloca contra o que ele vê como uma ameaça ideológica representada por Boulos. Pablo Marçal utiliza aspectos da religião de forma estratégica para estabelecer uma conexão profunda com uma parte significativa da população brasileira, especialmente com eleitores conservadores e religiosos.

Na sequência, temos outro trecho que determina o posicionamento ideológico do candidato:

EXERTO 2

Pablo Marçal: Tem uma pergunta que eu faço para esse cara. Você não é um candidato, você é um candidato trans. Depois eu falo disse no meu Instagram. Ele não responde nada nem apoia Hamas, já foi preso três vezes esse indivíduo tem um processo dele que está correndo em segredo de justiça porque ele usa a companheirada para fazer isso. Eu vou mostrar que você é o maior *aspirador de pó* da cidade de São Paulo. Pode ficar com o tempo para você aí agora. Vai lá.

Guilherme Boulos: Olha...é... o que você vai fazer com um cidadão desse? É uma coisa... é indignante você vê esse sujeito, não tem limite. O cara vem aqui e inventa uma mentira no debate sobre droga, não tem limite moral, é uma pessoa rebaixada, isso que você é Marçal. Às vezes eu fico em dúvida se você é só um mau caráter ou só um psicopata. Eu tenho essa dúvida muitas vezes porque você viria aqui para mentir... você veio para atacar as pessoas você veio aqui para inventar coisas para lacerar para rede social, isso é candidatura para a prefeitura da cidade mais importante do Brasil.

Ao se referir a Boulos como “aspirador de pó”, Marçal reforça o estigma de fraqueza e inutilidade, desqualificando a figura política de Boulos enquanto líder de um movimento social e político. A metáfora reforça um discurso de inferiorização e deslegitimação, traçando uma linha clara entre os valores defendidos por Marçal e os de Boulos. Assim, os sentidos atribuídos às palavras de Marçal são questionados, alterados e enfraquecidos dentro da estrutura discursiva que representa o poder dominante. Isso significa que o candidato foi interpelado pela ideologia política e determinado no campo discursivo (Pêcheux, 1995).

Neste enquadramento, as expressões acima evidenciam um discurso polarizado, em que Marçal busca se posicionar como o oposto das figuras associadas à esquerda (Boulos). A linguagem utilizada visa construir uma narrativa de moralidade, força e representação dos valores que Marçal quer transmitir, ao mesmo tempo em que desqualifica, de maneira agressiva e irônica, os adversários que considera ideologicamente incompatíveis com seu projeto político. Tal discurso é característico de uma retórica conservadora que utiliza a polarização e o ataque direto para mobilizar sua base.

Os ataques evidenciam uma radicalização no tom de suas falas. Marçal se apoia em mentiras compulsivas, ataques pessoais e críticas às identidades dos oponentes, utilizando esses métodos para tentar persuadir os eleitores, o que revela um comportamento desonesto. Seu discurso representa uma falácia *ad hominem*, na qual o político não refuta os argumentos ou ideias dos adversários, mas os ataca pessoalmente, buscando desacreditar o oponente ao invés de discutir as propostas. Dessa forma, Marçal se consolida como uma figura política polêmica e midiática, utilizando a controvérsia como uma estratégia máxima para ganhar visibilidade.

Considerações finais

Este estudo analisou as configurações ideológicas no discurso político de Pablo Marçal, à luz da Linguística Aplicada e da Análise do Discurso. A interseção entre teoria e prática revelou que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um instrumento de poder, capaz de moldar percepções e influenciar a opinião pública. Nesse contexto, a linguagem se revela como um instrumento dinâmico e transformador.

Ao adotar um discurso polarizado, Pablo Marçal posicionou-se estrategicamente para maximizar sua visibilidade midiática, reforçando estruturas ideológicas e, com isso, reproduzindo dinâmicas de exclusão e dominação. Os resultados indicam que sua retórica se baseia em mecanismos de ataque direto, uso de expressões pejorativas e desqualificação de adversários políticos. Essa estratégia discursiva não só consolidou sua identidade como candidato antissistêmico, mas também mobilizou o eleitorado por meio da reprodução de valores ligados à polarização ideológica.

Contudo, a pesquisa aponta que essa abordagem não se sustenta apenas na emoção ou polêmica, mas se ancorou em técnicas de comunicação treinadas, explorando a fundo a dinâmica das redes sociais como espaços de engajamento político.

A relevância desta pesquisa está na contribuição para a compreensão das estratégias linguísticas e ideológicas que permeiam o discurso político contemporâneo. Ao evidenciar como a linguagem é utilizada para reforçar narrativas de poder e influenciar processos eleitorais, o estudo amplia as discussões sobre a relação entre discurso, ideologia e estratégias de comunicação política. Dessa forma, reafirma-se a necessidade de uma leitura crítica das formas de produção do discurso na esfera pública, visando entender seus impactos na construção da realidade política e social.

Referências

- ALTHUSSER, L. **Elementos de auto-crítica**. Barcelona: Editorial Laia, 1974.
- ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1252].
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].
- FREITAS, A. F. **Palavra**: signo ideológico. Maceió: EDUFAL, 1999, 36p.
- MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MOITA-LOPES, L. P. da (Org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F; HAK, T (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, p. 22-45, 1995.
- PENNYCOOK, A. **Uma linguística aplicada transgressiva**. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. 6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. D. P. (Orgs). **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- OHUSHI, M. C. G. **Ressignificação de saberes na formação continuada**: a responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina (UEL): Londrina, 2013.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, 273p.
- ZANOTTO, M. S. T.; CELANI, M. A. A. (Orgs). **Linguística Aplicada**: da aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992.